

Estudo da experiência irreal do cinema e do sonho e breve análise da distopia

Dominique Nunes Portella¹

Resumo: Inicialmente, este artigo trata, sob a perspectiva freudiana, das experiências irreais e subjetivas do sonho e do cinema como meios para se atingir um momento de libertação da realidade, por meio do mecanismo da fantasia. A distopia é brevemente analisada como alerta social, sendo que sua articulação no entretenimento literário ou no cinematográfico é explorada a partir da obra “1984”, de George Orwell.

Palavras-Chave: Psicanálise. Sonho. Cinema. Distopia. Inconsciente. Recalcamento.

Abstract: This article approaches, initially under the Freudian perspective, the unreal experiences of dreaming and watching a cinematographic work as means to reach a moment of liberation from reality, through the mechanism of fantasy. Dystopia is briefly analyzed as a social alert, and its articulation in literary or cinematographic entertainment is explored through George Orwell’s work, “1984”.

Key-words: Psychoanalysis. Dream. Cinema. Dystopia. Unconscious. Repression.

Introdução

A ideia inicial, posteriormente elaborada, surgiu do interesse em relação às formas de entretenimento distópicas e da observação do crescimento da popularidade deste estilo literário/cinematográfico. Para que a questão fosse melhor fundamentada, o cinema foi estudado através da interpretação freudiana do sonho e da fantasia e, para solidificar e evidenciar a resposta da questão de pesquisa, uma obra distópica marcante foi lida para articulação ao trabalho.

Neste artigo, o problema de investigação estabelecido - “Por que a distopia está no auge de sua popularidade como forma de entretenimento enquanto a humanidade enfrenta problemas potencialmente catastróficos para seu futuro?” - terá seu desenvolvimento de pesquisa dividido em duas partes. Tratarei inicialmente do sujeito ao recorrer a situações irreais como, por exemplo, o cinema e o sonho, apresentando a fantasia como um eixo central de ambos.

Posteriormente, será realizada uma pontuação teórica sob a perspectiva psicanalítica em relação ao sistema psíquico Inconsciente e ao mecanismo de recalcamento, buscando associá-los ao elemento comum entre cinema, sonho e fantasia.

¹ Aluna da Escola Bilíngue Pueri Domus, 14 anos, cursa o 9º ano do Ensino Fundamental II em 2018. Sob orientação do professor Vitor Ikeda redigiu este artigo como Trabalho de Iniciação Científica.

A segunda parte do trabalho baseia-se na leitura da obra de Orwell e relaciona seus elementos de destaque com as tendências atuais, ilustrando o real objetivo do entretenimento distópico por meio do “Alarme de Incêndio” e apresentando a crítica que ele suscita entre seus espectadores/leitores.

1. Experiência cinematográfica e experiência onírica

Primeiramente, é abordada a relação entre cinema e sonho, na medida em que esta pode se dar de forma semelhante e diferente. O traço comum entre ambos consiste em sua procura para “escapar” da realidade, atingindo um estado de *catarse*² individual.

O desenrolar desse processo, no entanto, é o que marca as diferenças: enquanto o sonhador interpreta uma representação mental como uma série de percepções, o espectador interpreta uma série de percepções como representação mental. Além disso, a obra cinematográfica é uma forma de entretenimento coletivo, ainda que cause reflexões distintas em cada observador.

O trabalho psíquico a causa e a consequência dos processos do sonho e do cinema. Isso acontece, pois o mecanismo do desejo inconsciente se articula à motivação da censura e proporciona reflexão após o evento quanto à simbologia e ao significado. A partir desse cenário, introduzo a análise do “só-depois”, um momento conclusivo após o desenvolvimento lógico estimulado por uma narrativa fragmentada.

Assim como nos sonhos, os inícios de obras cinematográficas como “*We need to talk about Kevin*” e “*21 grams*”, apresentam cenas fragmentadas e fora de contexto, porém, diferentemente da experiência onírica, possibilitam e facilitam o trabalho mental responsável pelo momento de reflexão e conclusão imediatamente após a cena final, quando interpretações já haviam sido acumuladas desde o primeiro momento.

Diante dos conceitos de sonho e cinema e da relação entre eles, é fundamental incluir o conceito de fantasia. As definições do termo conectam-se à motivação de criação, à condição de análise e à estruturação presentes no cinema e no sonho. Respectivamente, a elaboração dos três elementos é impulsionada pela realização de um desejo reprimido, de forma consciente ou não. A interpretação de tal fenômeno é completamente flexível dependendo do intérprete e do próprio sujeito, assim como da situação emocional na qual ambos se encontram. Finalmente, a estruturação desse desejo, nos três casos, é adulterada pela censura e se baseia na realidade, sendo que a liberação de tensão que o indivíduo busca tanto na fantasia quanto no cinema e no sonho é ilusória e parcial.

2. Fantasia, cinema e sonho sob a perspectiva freudiana

Freud, em sua obra “A Interpretação dos Sonhos”, permite-nos aprofundar o tema, mantendo a relação entre os três eixos que se articulam e se misturam na concepção deste trabalho: fantasia, cinema e sonho. Partiremos do estudo de Freud sobre este último para correlação com os demais.

² *Catarse*: processo sugerido por Aristóteles, consiste na descarga, purgação ou purificação do espectador diante de uma cena trágica e emocional.

O estudo de Freud desenvolve-se a partir de dois princípios: os sonhos possuem sentido (1); os sonhos são realizações de desejos (2). A primeira ideia é justificada pela percepção de que o material analisado dos sonhos, ou seja, o relato do sonhador, é um elemento distorcido em relação ao sonho em si. Este, por sua vez, parte de outra distorção em relação aos pensamentos oníricos latentes, desconhecidos por estarem presentes no sistema Inconsciente.

Assim, os princípios freudianos estabelecem dependência no sentido de que um seria incorreto sem a presença do outro. Para ilustrar a justificativa de sentido nos sonhos, remetemos a um exemplo referente à sua formação: imagina-se que os desejos inconscientes sejam uma linguagem que, ao ser transformada em imagem psíquica, sofre uma série de alterações causadas pela censura do consciente. Tais alterações ocorrem através da “Condensação”, “Deslocamento” e “Figuração”. De modo geral, todas as passagens traduzem a linguagem latente para uma manifestação fragmentada, sintetizada e aparentemente incoerente, tornando o conteúdo do sonho mais aceitável para o próprio sonhador.

A “Condensação” consiste em uma tradução abreviada do conteúdo oculto para o manifesto, por meio da omissão de elementos, aparição fragmentada ou combinação de elementos comuns em apenas um.

Por sua vez, o “Deslocamento” pode operar de duas maneiras: valendo-se da substituição de um elemento por outro muito mais simples e cuja relação com o primeiro é remota ou pela substituição de um elemento significativo por outros sem importância.

Finalmente, a “Figuração” é o processo de seleção e transformação dos pensamentos em imagens que contribuem para a distorção do conteúdo do sonho, independentemente da respectiva origem mental dos mesmos.

3. Inconsciente & Recalcamento

Neste contexto, introduzo algumas ideias freudianas sobre o Inconsciente, fator de atuação marcante e possível motivação das ações de sonhar e assistir a uma obra cinematográfica.

Sabe-se que o primeiro apontamento de Freud é de que, diferentemente da concepção comum, o inconsciente não se dá como o “lado oculto da consciência”, mas, sim, como um sistema psíquico completamente independente desta. Evidencia-se sua condição autônoma, pois as características a ele aplicadas são próprias e divergentes ao sistema consciente, pois, enquanto um procura a todo momento a forma mais rápida e eficaz de realizar desejos, o outro suprime aquelas vontades aparentemente impactantes ao sujeito e controla a satisfação sexual (qualquer forma de prazer individual) por meio da razão.

Em contraponto, os dois sistemas se estruturam como linguagens e podemos comparar os processos de transição parcial entre os sistemas à metonímia (parte pelo todo) e à metáfora (substituição baseada na proximidade significativa). Este mecanismo mutatório do conteúdo latente possibilita o estudo psicanalítico, que busca associar os elementos do sonho à sua origem, sendo esta, na maioria das vezes, desconhecida pelo próprio sonhador.

O sonho, portanto, é apenas a superfície, uma máscara do que está realmente por trás de seu simbolismo. Por isso sua interpretação é “sobredeterminada” e nunca

será completa, tendo em vista a flexibilidade de significados que podem ser extraídos de cada elemento sonhado. A condição e a maturidade do sonhador em relação à experiência também são possíveis alteradores de sentido.

Ao analisar a divisão do aparelho psíquico em sistemas – Pré-consciente/Consciente e Inconsciente – obtemos a distinção entre controle e desejo inconsequente. Os desejos inconscientes do sujeito são reprimidos pelo outro sistema, mas não de forma absoluta. Isso ocorre, pois apesar do fato de exercer controle ser essencial para o desenvolvimento do ser, a tensão presente no aparelho psíquico oculto pelos demais precisa ser aliviada de alguma forma; eis aí a concepção do sonho como “escape de pressão”, ainda que de forma ilusória e recalcada.

Assim, o ato de ir ao cinema e de se submeter ao processo de catarse seria a solução encontrada pelo sujeito (através do Ics) para satisfazer os próprios desejos de forma ilusória e, simultaneamente, aliviar a tensão gerada pelo convívio social, criando um protesto ao recalçamento de forma contida.

Os sonhos são, por conseguinte, o meio de acesso ao trabalho inconsciente da mente por meio da interpretação. Freud explica: “A interpretação dos sonhos é a via regia para o conhecimento do inconsciente na vida psíquica”. (FREUD, 1900, P. 636)

Conclui-se que o ato de sonhar, fantasiar e ir ao cinema é impulsionado pela necessidade de liberar a tensão proporcionada pela realidade e acumulada sem o conhecimento do indivíduo. A realização, ainda que imaginária, dos desejos reprimidos e/ou recalçados pelo próprio sujeito, caracteriza-se como objeto de busca e de necessidade de maior entendimento. Assim, a representação cinematográfica atrai os dois sistemas da mente (Consciente e Inconsciente), pois apresenta a oportunidade de satisfazer tanto desejos controlados quanto desconhecidos e impulsivos. É a busca inconsciente por uma rota de fuga ao encarceramento do conteúdo latente, que utiliza a fantasia como ferramenta de liberação tanto no sonho quanto no cinema. Assim, Freud afirma que enfrentar a realidade e suas tensões a todo momento é praticamente impossível sem que o sujeito recorra a algum mecanismo de fuga.

4. As sombras das luzes utópicas

Introduzindo a segunda parte da resposta ao problema de investigação inicial, apresento um elemento essencial para a compreensão da função distópica: a análise das sombras produzidas pelas luzes utópicas. Diz-se de algo utópico (lit.: lugar nenhum) como sistematicamente perfeito em relação à organização social e estado coletivo. Portanto, enquanto a narrativa utópica apresenta-se como a representação de um futuro ideal, fundamentado no equilíbrio social, a distopia distorce este panorama, revelando um reflexo das problemáticas contemporâneas em um futuro potencialmente catastrófico, através do mecanismo de “hiperintensificação” dos eixos atuais.

Partindo do princípio de que a distopia, tanto na obra literária quanto na obra cinematográfica, proporciona uma experiência de subjetivação no âmbito reflexivo em relação ao futuro, levanto uma subquestão veiculada ao problema de investigação inicial: se a tecnologia e o poder do Estado são dois dos principais fatores com condições de futuramente resolver, ou parcialmente conter, os problemas globais potencialmente catastróficos que hoje afligem as massas, por que estas instituições são vilanizadas e culpadas em muitos filmes e livros distópicos? .

Para começar a responder a esta questão, remeto à dificuldade de hoje em atingir um estado de equilíbrio social, justamente devido a estes dois órgãos e demais barbáries marcantes no mundo subdesenvolvido. O caráter da humanidade ressaltado pelas distopias baseia-se na dependência do homem em relação à tecnologia que, por sua vez, se torna superior; no “fechamento do universo político”, que seria a gradual incorporação da ideologia estatal à mentalidade popular, marcando o fim do balanceamento social estabelecido pela luta democrática e, completando, na decorrente desumanização do homem gradualmente alienado pela influência externa e ignorante quanto a valores e direitos constituintes de sua cultura, origem e liberdade individual.

5. O alerta de Orwell: “1984”

Eric Arthur Blair publicou sua obra em 1949, ano que antecedeu ao seu falecimento. Sob o pseudônimo de George Orwell, expôs seus receios quanto ao futuro em uma idealização distópica: a sociedade de Oceânia, que venera o seu líder, o Grande Irmão, e vive sob uma ditadura repressora que estabelece três princípios: “Guerra é paz”, “Ignorância é força” e “Liberdade é escravidão”.

Destaco aqui um elemento que articula a narrativa como um todo: o princípio do “duplipensamento”, que consiste em entender e aceitar simultaneamente objetos opostos, como fica evidente através das máximas pelas quais a sociedade fictícia é dirigida.

Para estabelecer um posicionamento em relação ao “duplipensar”, antes pontuo a própria distopia como um veículo, um meio de trazer à tona uma mensagem parcialmente oculta pelos elementos envolventes que tecem a narrativa. O livro de Orwell constitui, portanto, um grito de alerta, uma advertência vinda de alguém que, partindo do princípio da organização social de meados do século passado, prevê os impactos que a desumanização do homem e o poder de certas instituições podem causar.

Retomo a ideia do “duplipensamento” como uma ferramenta cuja função consiste em chocar o leitor, proporcionando um momento reflexivo no qual a percepção das problemáticas atuais fica mais aguçada. No princípio, com a introdução da ideia contraditória de que $2+2=5$, a reação do protagonista, o trabalhador Winston, reflete o inconformismo do leitor.

No entanto, quando a narrativa se aproxima de uma conclusão, percebe-se o nível ao qual Orwell elevou o mecanismo psíquico de intimidação e reformulação completa da mente. Neste contexto, cabe associar a obra distópica ao “alarme de incêndio”, na medida em que atingindo em escala suficiente um grande número de pessoas, salvaguarda o caminho da humanidade em direção ao futuro, o que constitui o principal objetivo do livro.

Ao dimensionar a desumanização e o controle absoluto das formas de poder a ponto do duplipensar ser algo socialmente esclarecido e reconhecido como “bom”, Orwell desmascara situações atuais com potencial perigosamente crescente e que, gradualmente, são incorporadas de maneira imperceptível.

6. O alarme de incêndio

O caráter comum à obra distópica, apesar de promover o assombro de seu espectador ou leitor, é profundamente guiado por seu objetivo que constitui o cerne do problema de investigação deste artigo. Entende-se, então, que a distopia e mesmo as prevenções apocalípticas estão no auge da popularidade, pois, diante da vertente de crescimento de aflições sociais observadas por muitos, a necessidade de mobilizar as massas, ou seja, a força de mudança, torna-se urgente.

Simbolicamente, a intensificação da “fumaça”, que constitui todos os enfrentamentos contemporâneos, incentiva a mobilização para atingir o “alarme” que compeliaria a sociedade mentalmente consciente, porém efetivamente ignorante, a evitar o acontecimento perigoso do incêndio, inibindo seus efeitos que já se propagam de maneira gradual.

Neste contexto, o mecanismo proposto é o de instigar a crítica que, proveniente da subjetividade do sujeito diante da obra distópica, constrói o fundamento de mudar e atuar sobre as tendências prejudiciais ao futuro, partindo do princípio do que afeta diretamente o cotidiano.

7. Conclusões

Através do princípio estabelecido de que as experiências irreais proporcionadas tanto pelo sonho quanto pelo cinema, e mesmo pela obra literária, constituem objeto de busca das fantasias e desejos conscientes e inconscientes do sujeito, este momento de catarse individual é observado como cenário ideal para introduzir o alerta distópico. Assim, diante do estado absorto do indivíduo, a fragilidade psíquica possibilitaria a crítica pessoal e coletiva em relação às problemáticas que o tema aborda.

No entanto, a recusa do sujeito em reconhecer sua capacidade de produção e de influência na questão impede a concretização do objetivo do entretenimento distópico, pois o público-alvo do alerta transmitido julga que a resolução de tais problemas estaria nas mãos de ativistas e de líderes sociais, os únicos capazes de realmente mudar algo, traçando o caminho que será percorrido pela humanidade. É este princípio que, ao afligir não alguns, mas a grande maioria dos membros que constituem a massa da sociedade, repele os potenciais solucionadores dos problemas contemporâneos.

Consequentemente, o acúmulo constante de alertas ignorados pelo sujeito faz com que o objetivo de criticar o que constitui o “ser humano” ocorra de forma efetiva através de manifestações artísticas cinematográficas ou literárias, que diferem do sonho na medida em que sua capacidade de proporcionar a autoanálise do sujeito e sua decorrente reflexão são muito mais sólidas.

Conclui-se que a versatilidade do cinema e da literatura proporciona o vasto leque de possibilidades de intervenção no pensamento social por meio do tema em questão e da forma como ele é abordado. A arte destas formas de escape da realidade está, no caso da distopia, funcionando de maneira controversa, de forma a forçar o pensamento subjetivo da “vida real” através de histórias fictícias impactantes.

Assim, o crescimento da necessidade de transmitir um alerta aos espectadores é evidenciado pela popularidade de contos distópicos entre os jovens. Em muitos

casos, a obra em si não apresenta outra intenção senão a de proporcionar entretenimento ao seu público-alvo, porém o investimento e a aderência a esta indústria por parte da nova geração poderia ser um meio de conscientizar desde cedo aqueles que representam o futuro, de forma a assegurá-lo para eles e aos demais que os seguirão.

A resposta atribuída ao problema de investigação desta pesquisa é, portanto, motivo de muitas outras perguntas. Quão grande é a urgência para que haja conscientização, se mesmo os meios de entretenimento de caráter individual (em relação à sua subjetividade) já estão sendo influenciados? Este meio de alerta tem se mostrado suficiente para que desponte um movimento de mudança significativa? Diante da solidez que o objetivo deste ramo da literatura e cinema apresenta, como as “segundas intenções” de outros estilos de entretenimento podem ser interpretadas? Conclusão aberta às novas possibilidades que a pesquisa e a análise podem proporcionar.

Referências Bibliográficas:

FERNANDES, Ana Lúcia Sampaio. Cinema e Psicanálise. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372005000100008. Estud. psicanal. n. 28 Belo Horizonte set. 2005. Acesso em 10/5/2018.

REZENDE, Thianne; WEINMANN, Amadeu. O(s) tempo(s) na psicanálise e no cinema: o sentido baseado no só-depois. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/trivium/v6n1/v6n1a08.pdf>. Trivium vol.6 no. 1 Rio de Janeiro jun. 2014. Acesso em 22/5/2018.

CARREIRA, Alessandra Fernandes. Algumas considerações sobre a fantasia em Freud e Lacan. Psicol. USP [online]. 2009, vol.20, n.2, pp.157-171. ISSN 0103-6564. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642009000200002>. Acesso em 27/5/2018.

POLLYANE, Aline; CRISTINA, Fernanda; ALMEIDA, Livia; SOUZA Marcela; BARBOSA, Renata. O Conceito de Fantasia na teoria freudiana e na obra: “Homem dos Ratos”. Disponível em: <http://www.redepsi.com.br/2008/05/12/o-conceito-de-fantasia-na-teoria-freudiana-e-na-obra-homem-dos-ratos/>. 12 de Maio de 2008 in Trabalhos de Conclusão de Curso ou de Disciplina Psi. Acesso em 27/5/2018.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. O discurso do desejo: *A interpretação de sonhos*. In: Freud e o inconsciente. 24ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 61 - 93.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *O Recalcamento*. In: Freud e o inconsciente. 24ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 151-167.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *O Inconsciente*. In: Freud e o inconsciente. 24ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 168-196.

ORWELL, George. 1984. São Paulo. Editora Schwarcz, Companhia das Letras: 2009.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria crítica e literatura: A distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p201/25995> . Julho de 2013. Acesso em 10/8/2018.

FREUD, Sigmund. (1900). *Sobre a psicologia dos procesos oníricos*. In: A interpretação dos sonhos. Porto Alegre: LPM, 2014.

Recebido para publicação em 26-08-18; aceito em 19-09-18